

APRESENTAÇÃO

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p3-4>



Desde a década de 1960, os movimentos sociais em prol dos direitos civis e as lutas identitárias contrárias ao racismo e ao sexismo abalaram profundamente as certezas de uma identidade humana supostamente unívoca e natural. A noção de identidade ganhou em pluralismo e complexidade, as verdades identitárias revelaram-se construções históricas, intimamente comprometidas com interesses e classe, gênero e raça. Diversas identidades, de classe, etnia e gênero, questionaram a unidade fictícia da Nação e do Estado que se colocam acima das lutas e das disputas sociais e políticas. Essas lutas fragmentadas de um lado são uma resposta às estratégias de controle e de produção de desigualdade do poder, ao mesmo tempo que podem ser instrumentalizadas por esse mesmo poder, em uma performatividade capaz de questionar mas também de reforçar uma norma, como recorda Judith Butler. Ao invés de promover um simples retorno às raízes, inúmeras lutas identitárias passaram a explicitar as contradições e as ambiguidades que lhes são inerentes, fortalecendo os ativismos destinados a um acerto de contas e a um conhecimento aprofundado da história colonial. De Aimé Césaire a Celestin Monga, da negritude à uma africanidade sincrética, mudam as sensibilidades e afirmam-se as diferenças entre grupos e culturas. Na mesma direção, desde os primeiros movimentos em prol da liberação dos corpos e das orientações sexuais divergentes em relação à norma heterossexual dominante, até o “mundo orlandesco” ou uma era de *Disphoria Mundi*, ou seja, uma transição planetária na qual a disforia nos coloca diante de um abismo epistêmico e político, mencionados por Paul B. Preciado, passando pelo “devir gay” anunciado por Michel Foucault, o campo das identidades não cessou de ser revelado como aquele das batalhas, das

estratégias e da formação de novos repertórios culturais e de expressão do desejo.

O amplo leque de pesquisas aberto por essas transformações inclui o interesse por culturas orais, conforme mostra o texto de Antonacci que abre o dossiê, assim como pela passagem da oralidade à escrita, objeto de análise do artigo de Langaro, centrado na literatura de viagem de 1920. Os dualismos de gênero, relacionados à histórica e polêmica divisão entre as esferas do público e do privado é tema do artigo de Fernandez, enquanto a invenção da identidade cristã-nova, entre os séculos XV e XVIII, é objeto da investigação de Hutz e Veiga. Um interessante questionamento das representações de Xica da Silva na televisão é realizado por Souza e Sacramento e o artigo de Meira e Arriada narra a formação intelectual em Porto Alegre, afirmando a importância das mediações culturais na formação juvenil. A construção das identidades passa também pela moda e por uma cultura das aparências, conforme expressa o artigo de Dias. E, ao mesmo tempo, é por meio de lutas sociais em prol da saúde que, várias vezes na história, as identidades femininas e feministas se fortaleceram, tal como demonstra Fonseca em seu artigo sobre “as damas protetoras contra a peste branca.”

Se conforme Benedict Anderson, toda a nação é uma comunidade inventada, seria o caso de considerar que toda identidade implica a invenção permanente de estratégias de luta, afinamento da crítica e aprofundamento da análise histórica. Toda identidade é, assim, histórica e é importante ter consciência de seu caráter de coisa construída, para escapar das armadilhas do essencialismo e das fronteiras que instrumentalizam as diferenças como uma estratégia de reprodução das desigualdades.

Amilcar Torrão Filho e Denise Bernuzzi de Sant´Anna

Este volume contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES – Brasil.